

*Palavra e poder:
representações na literatura
de autoria feminina*

RESUMO/ ABSTRACT

ESBOÇO DE UMA AUTOBIOGRAFIA INTELECTUAL: MULHERES, LITERATURA, BIOGRAFIA, FOTOBIOGRAFIA

Esta exposição tem o caráter de depoimento. Detenho-me em alguns pontos de minha experiência de participação no Grupo de Trabalho “A mulher na literatura” e de minha apreensão do que teria sido uma linha de história do GT, com o objetivo de examinar de que forma repercutiram na minha atividade profissional de pesquisadora de literatura.

Palavras-chave: mulher; Clarice Lispector; feminismo; biografia; fotobiografia.

OUTLINE OF AN INTELLECTUAL AUTOBIOGRAPHY: WOMEN, LITERATURE, BIOGRAPHY, PHOTOBIOGRAPHY

This exposition has the nature of a personal report. I focus on some key elements of my participation in the Research Group “Women in literature”, and my understanding of what the history of this group has been. My objective is to examine the influence the group has had in my professional career as a researcher in the Literature field.

Keywords: woman, Clarice Lispector; feminism; biography; photobiography.

ESBOÇO DE UMA AUTOBIOGRAFIA INTELECTUAL: MULHERES, LITERATURA, BIOGRAFIA, FOTOBIOGRAFIA

Nádia Battella Gotlib

Doutora e Livre-Docente pela Universidade de São Paulo.

Professora de literaturas de língua portuguesa na Universidade de São Paulo- USP, São Paulo-SP

nadia.gotlib@gmail.com

As mulheres do começo e um novo olhar

Quando compareci a uma reunião do recém-fundado GT *A mulher na literatura* e, a pedido da sua primeira coordenadora, a querida Ana Lúcia de Almeida Gazolla, comecei um trabalho de ajuda na organização desse grupo que ela dirigia, não poderia imaginar a reviravolta que esse contato, com o que eu chamo de “as mulheres do começo”, iria provocar na minha vida intelectual, na minha percepção de leitora, no meu percurso crítico, na minha postura diante das colegas mulheres e nas minhas opções intelectuais cuidadosamente revistas nos anos que se seguiram.

Estava instalada uma verdadeira “bomba intelectual”, cujos alcances eu, simplesmente, ingenuamente, naquela altura, ignorava. Não podia nem pressentir os efeitos da energia que haveria de emergir das conversas, propostas, sugestões, ou seja, das novas perspectivas de se ler a literatura feita por mulheres. E que incluía uma massa crítica que nos chegava (pelo menos a mim) pela primeira vez, impulsionando os motores produtivos de todas nós que constituíamos esse grupo¹.

¹ Os estudos desenvolvidos anteriormente, em teses acadêmicas, artigos e organização de volumes didáticos e de ensaios, incluíam autores de literatura portuguesa e de literatura brasileira, além de textos sobre teoria do conto. O repertório de estudos a serem desenvolvidos nos anos seguintes incluiu vários autores de literatura brasileira e portuguesa, ainda que o enfoque principal tenha se dirigido sobretudo para o estudo de textos feitos por mulheres.

No começo, eram simples fichas cadastrais: tal qual aluna aplicada, eu anotava nomes de pesquisadoras e professoras, de instituições, títulos de comunicações, catalogava títulos de textos por elas publicados, tudo, como preparação para um primeiro encontro do GT.

Mas, nessa mera enumeração de dados, formava-se paralelamente uma rede invisível de relações: o mapa do Brasil transformava-se em linhas que passavam a ligar as várias cidades onde moravam essas mulheres pesquisadoras e onde se fixavam as instituições a que estavam vinculadas. Instaurava-se assim um primeiro sinal de “grupo”, com elos de cumplicidade, cujos efeitos não tardariam a aparecer.

Lembro-me de que durante o primeiro encontro, que aconteceu na UFRJ, em maio de 1987, por ocasião do II Encontro Nacional da ANPOLL, fui nomeada segunda coordenadora, possivelmente graças a minha atividade de escritã dedicada e fiel colaboradora da Ana Lúcia. Isso, após eleição que ocorreu com manifestações entusiasmadas da platéia, e com direito até a camisas encomendadas especialmente para a ocasião. Literalmente vestíamos a camisa do GT. O time estava formado, com dezenas de jogadoras em campo, todas no ataque bem-sucedido dos *papers* que foram apresentados e discutidos, num total de vinte e cinco.

O perfil do GT desse primeiro encontro, e também dos dois seguintes, delineava-se com clareza, assumindo um perfil que iria persistir, ao longo dos anos subsequentes.

Recorro aos dois primeiros boletins e aos Anais dos três primeiros encontros para recordar as nossas preocupações iniciais. Na apresentação do Boletim nº 1, a programação registra apresentação de vinte e duas comunicações e mais algumas mesas-redondas, com títulos que não perderam a atualidade: “O lugar das vozes que falam o feminino”; “A análise e a crítica de textos de e sobre a mulher na literatura: questões teóricas e metodológicas”.

No nosso segundo encontro, já com vinte e seis comunicações, acentuou-se a necessidade de uma subdivisão em grupos de trabalho, o que aconteceu, efetivamente, no terceiro encontro, quando ainda era eu a coordenadora, realizado na PUC-SP em 1989. A interdisciplinaridade serviu como eixo de uma distribuição da matéria, reorganizada em função das relações entre literatura e história, num primeiro grupo; literatura e psicanálise, num segundo grupo; e literatura e jornalismo, num terceiro grupo. Nesse encontro reservou-se lugar para discussão em torno do tema da mulher enquanto crítica e ensaísta. Dava-se espaço para que o tema, a essa altura já desenvolvido por uma das participantes, Heloísa Buarque de Hollanda, encontrasse aí matéria a integrar o futuro volume sobre o assunto (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993).

Ressalto que, em todos esses três encontros, tivemos uma presença que seria fundamental para nós: Ria Lemaire, da Universidade de Utrecht, que acabara de lançar seu livro, *Passions and Positions: contribution à une sémiotique du sujet dans la poésie lyrique médiévale en langues romanes*, publicado

em 1987 em Amsterdam. Com uma comunicação intitulada “A organização dos estudos da mulher na Holanda”, apresentava-se ao grupo como professora e como a “única docente na minha universidade e na Holanda que combina essas duas disciplinas: literatura de língua portuguesa e estudos da mulher”. E não sem enfrentar dificuldades para estudar literatura brasileira (poucas traduções, poucos tradutores, poucos contatos com pesquisadores brasileiros). E afirmava: “Por isso, vim a esse congresso, na esperança de começar uma troca de ideias e, se for possível, um intercâmbio das nossas publicações e atividades” (LEMAIRE, 1988, p. 35).

Parece que deu certo, pois estamos nós, juntas, continuando nossas pesquisas, vinte e cinco anos depois...

Num segundo encontro nosso, Ria Lemaire nos ofereceu uma conferência sobre “A canção da malmaridada”, nos seus vários estágios – a mulher mais solta, cantada pela mulher; a mulher já presa, cantada pelo homem; e a mulher sofrida, cuidando dos filhos. A reflexão ainda ganharia um terceiro texto, intitulado “As cantigas que a gente canta, os amores que a gente quer. O papel da mulher na passagem da tradição oral à escrita”, exposto por ocasião do nosso terceiro encontro (LEMAIRE, 1990, p. 13-26).

A partir da leitura desses textos da Ria, as vozes – dele e dela, do homem e da mulher – começavam a se desatar umas das outras, adquirindo formato específico, fisionomia própria, com as diferenças visíveis que o discurso crítico propunha quanto às respectivas posturas, comportamentos, procedimentos.

Deixava-se claro que a questão principal, no campo dos estudos da mulher, era da ordem epistemológica, de tradição europeia: nós, diante de conhecimentos que nos eram apresentados como sendo gerais e universais, e mediante pressões ideológicas que não permitiam que fossem tomadas atitudes mais ativamente críticas, de resistência a tais postulados, ou seja, uma atitude de *resisting reader*, para usar a expressão que ela cita, de Jonathan Culler.

Baseada em princípios da narratologia (Greimas, Genette) e na teoria da focalização, proposta por Mieke Bal (leitura com vistas a responder a algumas questões – Quem fala? Quem vê? Quem age?) e desenvolvida no seu livro de 1986, intitulado *Femmes imaginaires*, a conferencista recorre a textos da Idade Média que retratam a infelicidade das mulheres malcasadas. Não vou me deter nos detalhes da argumentação, mas apenas na conclusão. Afirma a autora, em relação ao primeiro tipo de cantiga que analisa – a malmaridada anônima cantada por mulheres:

O código para o comportamento, a mensagem relativa a esse comportamento, cantada por mulheres perante outras mulheres é a seguinte: se você for malcasada, não fique em casa chorando, revolte-se contra o marido

ruim. Fale, cante com as outras mulheres, saia de casa, vá ao ar livre, escolha um amante e seja ativa, como ele, no amor (LEMAIRE, 1990, p. 18).

A leitura do segundo tipo – a canção da malmaridada cantada por homens –, mais recente que a anterior, revela mudanças: torna-se narrativa, a mulher encontra-se (ou melhor, é colocada pelo poeta-narrador) num espaço delimitado – o quintal ou um jardim cercado – e não toma iniciativas, apenas aceita (ou não) quem se lhe oferece.

Já nas canções religiosas, cantadas por homens, com objetivos morais de doutrinar as mulheres, a mulher apresenta-se passiva, servil, tendo como amante o próprio Cristo. E esta é a proposta (cito, uma vez mais, a conclusão da conferencista):

A mensagem dirigida às mulheres pelos poetas religiosos é a seguinte: se a mulher quer ser feliz e respeitada, tem que deixar o mundo, tem que desistir da sua liberdade, do ar livre e de todo prazer do corpo, sublimando o desejo sexual em amor espiritual. É a negação completa do poder e do corpo da mulher, cujo ideal de vida tem que ser o da clausura, da reclusão por trás do espaço cercado e debaixo do teto (o espaço geográfico mais restringido ainda) do convento (Id., *ibid.*, p. 18).

Finalmente, a malmaridada dos tempos modernos, a partir dos séculos XV e XVI, reaparece nas cantigas de ninar, mas com modificações radicais: o amante desaparece e fica apenas o marido ruim; a mulher apresenta-se passiva; e, ao ninar a criança, deixa claro que a criança é um peso, que, por causa dela, a mulher mãe está enclausurada em casa. Eis a conclusão da Ria:

Quebrou-se a resistência da malcasada moderna contra as estruturas de poder instituídas e dominadas pelo homem; transformou-se em vítima lacrimejante e passiva. Essa mulher que, antigamente, nas suas canções, criticava o marido por ser ele velho e nada atraente, agora se diz e repete a si mesma que é velha e perdeu a capacidade de atrair (Id., *ibid.*, p. 21).

Se já havia pelo menos vinte anos de história das teorias referentes aos então chamados “estudos da mulher”, que nos chegavam sobretudo em língua inglesa, e, depois, os de língua francesa, este, da Ria, nos chegava com originalidade própria, afirmando-se, ao mesmo tempo, como uma pesquisa profunda que reorganizava nosso universo reflexivo e crítico. Reconhecia uma nova “posição da mulher, as estruturas de poder e as ideologias que as justificam” (Id., *ibid.*, p. 21), e também com a vantagem de se basear em leitura de textos literários de nossa própria cultura, a cultura em

língua portuguesa, restabelecendo novos vínculos com uma tradição cultural nossa, até aquele momento não examinada sob essa perspectiva. Diria mais: nunca tocada, jamais verdadeiramente investigada, sempre resguardada na redoma de sagrados rituais epistemológicos reiterados sub-repticiamente.

Para me limitar apenas a algumas das conclusões, cito trechos da parte final do texto da Ria: “A mulher que dança e canta com outras mulheres as suas próprias canções, transformou-se em mulher citada [pelo homem que narra] antes de começar a cantar as canções criadas para ela por poetas religiosos, para finalmente acabar chorando e se lastimando [nas canções de ninar] (Id., *ibid.*, p. 22).

Quanto aos “homens antagonistas (o marido ruim e ciumento, o amante bom), a mudança ocorre no seguinte sentido: “no decorrer dos séculos, o amante se transformou em marido, tornou-se o próprio Cristo e finalmente desapareceu” (Id., *ibid.*, p. 22).

Se houve essa pressão exercida pelo homem sobre a mulher, a ponto de a mulher, ela própria, exercer pressão sobre si mesma (Ria cita Robert Elias), não há mais razão para os homens comporem suas canções. A mulher faz sozinha esse trabalho, por eles, para eles, numa espécie de ato suicida. Daí a razão da pergunta final da Ria, a cuja questão, aliás, responde ao longo do seu texto: “Será que esta é a razão porque os homens deixaram de compor canções de malmaridada nos inícios dos tempos modernos?” (Id., *ibid.*, p. 22).

A leitura que Ria desenvolve inova também no campo da chamada literatura “popular”, mediante procedimento que reconsidera essa produção desenraizada dos preconceitos que a cercam, estudo que teve continuidade nos seus estudos de literatura de cordel e de teatro nordestino, entre outros.

A sequência das suas intervenções mostra devidamente a importância de sua atuação, decisiva para a direção dos rumos do GT. Quebrar, dessa maneira, com uma continuidade da sequência cronológica da tradição crítica foi fundamental para mim e, acredito, para o nosso grupo. Houve uma mudança de olhar; mudança, sem dúvida, que seria decisiva.

Primeiros encontros, primeiros resultados

Os temas a serem debatidos no grupo de trabalho surgiram, pois, a partir dos dados que me foram enviados pelas participantes do GT no primeiro semestre de 1987, ou seja, informações que começaram a ser enviadas logo antes e após a realização do nosso primeiro encontro, em maio desse ano. E acabaram se distribuindo em duas linhas de ação investigativa: uma, de ordem teórica e metodológica, questionando procedimentos e posturas diante da matéria em questão; outras, ligadas mais diretamente ao enfoque analítico, crítico e interpretativo de itens específicos, isto é, de escritoras e/ou personagens das várias literaturas.

Nessa mesma circunstância, observou-se a necessidade de maior entrosamento entre as pesquisadoras, o que poderia ser resolvido mediante realização de programações de caráter regional, a serem marcadas no período entre os Encontros Nacionais, proposta levada adiante a partir do já então realizado Seminário Nacional sobre a Presença da Mulher na Literatura, de 19 a 23 de outubro de 1987, na Universidade da Paraíba, e um segundo já previsto para se realizar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em agosto de 1988.

E surgiu, ainda nesse mesmo ano, um problema que haveria de se estender pelos anos afora – e felizmente: o número excessivo de comunicações, que exigiria, no futuro encontro, uma divisão dos expositores em subgrupos de trabalho, em função dos temas escolhidos. Nessa altura, por ocasião do nosso 2º Encontro, em maio de 1988, já éramos setenta mulheres inscritas no GT, e dele participando ativamente.

Foi com muita satisfação que consegui publicar os dois primeiros números dos Boletins e os três primeiros números dos Anais do GT, em 1988, quando trabalhava como professora visitante na UFMG, instituição que, nessa altura, prestigiou as publicações, viáveis graças a uma verba que me foi concedida pela Fundação Vitae, que tinha no seu conselho, entre outros, o bibliófilo José Mindlin.

Abro parênteses para prestar aqui a minha homenagem a um de nossos maiores colaboradores de primeira hora, que nos acolhia, a mim e a outras colegas do GT, na sua biblioteca, e deve-se a ele, cumpre lembrar, o financiamento dos três volumes dos Anais. Assim tudo sucedeu...

Foi José Mindlin que procurou, achou e me cedeu cópia de um romance que estava na lista de minha preferência: *A divorciada*, romance de 1902 escrito pela cearense Francisca Clotilde Barbosa Lima, cuja leitura apareceria logo no primeiro número dos nossos Anais. Outro fato memorável na minha vida: não sabia, naquela altura, que graças à Marlyse Meyer, que me levou até a casa de José Mindlin pela primeira vez, eu teria privilégio de frequentar a sua biblioteca por mais de vinte anos...

E que lá seria apresentada, pelo próprio José Mindlin, com entusiasmo, aos cadernos da Condessa de Barral², de que me ocupo até hoje, sem ainda ter conseguido terminar uma edição com seleção de textos extraídos, dentre as quase quatro mil laudas manuscritas...

Quando precisei de patrocinador, fui à Fundação Vitae solicitar verba para a edição. Sabia que José Mindlin fazia parte do conselho, com Antonio Candido. A verba chegou. E assim foram publicados os três volumes, com singeleza, do ponto de vista gráfico, mas com um grande significado, na época, para nós todas do GT.

² Parte dessa pesquisa sobre os *Diários* da Condessa de Barral (Luísa Margarida Portugal de Barros) foi publicada em: GOTLIB, Nácia Battella. *Correspondências: a Condessa de Barral e o Imperador D. Pedro II*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nácia Battella (org.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 227-39.

Só não previa que José Mindlin iria até nós para assistir às comunicações durante o nosso terceiro encontro, na PUC de São Paulo. Simplesmente apareceu no auditório em que nos encontrávamos – auditório cheio, com as escadas repletas de livros, de papéis, de casacos, que a mulherada havia espalhado, a ponto de ele não conseguir passar. E foi uma correria danada para livrar o caminho do nosso patrocinador. Disse-nos ele que gostou muito do que ouviu. Pelo menos sei que ouviu e de primeira mão... resultados de leituras com temas, enfoques e conclusões, à época, realmente inusitadas. Relembrando os trabalhos apresentados nesses primeiros anos do GT, num exercício misto de “reconstituição de época” e “hora da saudade”, percebo que as diretrizes estavam ali bem definidas: um pendor teórico, que procurava os caminhos feministas ora pela via da demistificação e desmitificação (Susana Funck), ora pela via da psicanálise freudiana (Cristina Stevens), recorrendo a escritoras de realce, como Sylvia Plath, Adrienne Rich, D. H. Thomas, Mary McCarthy (Rita Terezinha Schmidt); um pendor teórico aliado a uma perspectiva histórica na volta às fontes romanescas europeias do século XVIII e suas ramificações ao longo do século XIX, lá e também no Brasil (por Marlyse Meyer), cujas manifestações, no Brasil do século XIX e início do XX, encontrariam território fértil tanto nas operações de resgate crítico quanto na de edições da futura Editora Mulheres, pelo grupo liderado por Zahidé Muzart, de Santa Catarina. E pesquisas ligadas a uma história do feminismo no Brasil, pela via da leitura de Nísia Floresta, que aparece na programação a partir do nosso segundo encontro (Constância Lima Duarte).

Sob a perspectiva de resgate histórico regional, surgiram pesquisas pontuais, em torno, por exemplo, de poetisas de Recife (Luzilá Gonçalves Ferreira) e cronistas de Santos (Myriam Kuhne). E trabalhos específicos sobre autoras especiais: Mary Shelley e Marguerite Duras (Cleonice Mourão), Ana Cristina César (Maria Lucia de Barros Camargo, Ana Cláudia Coutinho Viegas), e estudos comparados, como entre Clarice Lispector e Maria Luisa Bombal (Laura Hosiasson).

Demais autoras, de línguas inglesa, francesa (incluindo o Québec), espanhola e portuguesa, ganhavam seu espaço de discussão ao longo dos três primeiros encontros.

E o estudo se ampliava em pesquisas de caráter enciclopédico: já nesse segundo encontro houve a apresentação do *Dicionário de Mulheres Escritoras*, por Nelly Novaes Coelho, publicado anos depois; e, no terceiro encontro, a apresentação do volume *Ensaístas Brasileiras*, por Lúcia Nascimento Araújo, elaborado com Heloísa Buarque de Hollanda, como resultado de pesquisa desenvolvida por equipe que a Heloísa coordenava, junto ao Centro de Estudos Contemporâneos da UFRJ.

Aliás, além dos Seminários A Mulher na Literatura, que aconteciam em anos alternados aos dos encontros da ANPOLL e do GT, paralelamente desenvolviam-se grupos outros de estudos de minorias, que incluíam a mulher no seu repertório de preocupações. Nesse final de década de 1980 e início de 1990, vários encontros aconteceram no Rio de Janeiro, patrocinados pelo referido Centro de Estu-

dos Contemporâneos da UFRJ, que, de certa forma, consolidavam linhas de pesquisa desenvolvidas no GT A Mulher na Literatura. Para esse grupo foi importante contar com a presença, por exemplo, da pesquisadora Jean Franco, que também haveria de influenciar novas perspectivas de abordagem da questão da mulher na literatura.

O grupo inicial A Mulher na Literatura ganhava, assim, novas bifurcações, desdobrando-se em demais instituições de ensino e pesquisa.

Francisca Clotilde, Gilka Machado e outras

Por ocasião do nosso primeiro encontro, detive-me, pois, na leitura do romance de Francisca Clotilde Barbosa Lima, leitura que, apesar de sucinta nas questões levantadas, serviu de marco importante na minha história de vida de leitora.

Realçava os “graves condicionamentos que a mulher, neste início de século XX, experimentava, na sua *dulcíssima ingenuidade* e na sua dolorosa prática de *espírito piedoso e abnegado*”³. A vida da esposa, acatando casamento por interesse com um crápula, constitui, no romance, um *ato de sacrifício* que funciona como passaporte para provas de resistência: *a mulher vale quanto sofre*. Porque suas ações nunca são ditadas em nome da felicidade própria, mas sim, e sempre, apenas *por causa dos outros e para o bem dos outros*. E, quando esgotadas todas as tentativas de uma reconciliação, a heroína volta para a sua cidade natal, Fortaleza; “com o dever cumprido”, reconhece seu futuro inglório de divorciada, sensível à calúnia, à difamação e à marginalização social.

Numa leitura conservadora, o divórcio seria, na melhor das hipóteses, um mal evitável. Afinal, como cristã, competiria à esposa aguentar todos os martírios propiciados pelo marido vilão. Mas a questão que se coloca é bem outra e poderia se resumir numa pergunta: “como a narradora criada pela autora dona Francisca Clotilde assume esta militância narrativa, registrando valores desta personagem-mulher diante da necessidade inevitável do divórcio?”⁴.

A narradora manifesta-se sempre indignadíssima com o que presencia. Identifica-se com as desgraças da personagem. E essa característica, que seria um erro crasso, segundo normas conservadoras, é o que constitui, a meu ver, uma das suas características providenciais: um foco “de dentro para fora, de mulher que narra sobre mulher que sofre”, com lugares-comuns, deixando aí “transparentes as forças perversas de poder, travestidas de amparo, ajuda, apoio, socorro, salvação”⁵.

³ GOTLIB, Nácia Battella. “A *divorciada*: um romance de dona Francisca Clotilde”. In: GAZOLLA, Ana Lúcia de A. (org.). *Anais do I Encontro do GT A mulher na literatura*. v. I. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Vitae. p. 62.

⁴ Id., *ibid.*, p. 67.

⁵ Id., *ibid.*, p. 68.

Essa outra voz, que aí surge, ainda que pela via de, segundo preceitos conservadores, limitações técnicas, ou “banalidades românticas retardatárias”, estabelece um avanço na história da nossa narrativa, na medida em que consegue detectar com clareza as forças de dominação masculina.

Uma nova perspectiva, de “olhar enviesado” (no bom sentido), sem o direcionamento reto e premeditado, ganhava assim um novo passo na história das leituras que fazia. Seria uma espécie de segundo capítulo, depois de um primeiro, que assumira logo no início da década de 1980, em palestras e leituras sobre a poesia de Gilka Machado, que resultou na criação de um artigo que publiquei em 1984, na revista *Polímica*⁶, antes do grupo de trabalho, então inexistente.

Observara que a poesia de Gilka Machado, acentuadamente erótica, afirmava-se por duas marcas de qualidade: uma ousadia no vocabulário e seleção de temas, como o tema do “cio”, na época absolutamente fora do repertório de gamas da poesia feita por mulheres no Brasil; um ritmo ondulante, sinuoso, voluptuoso, embalado por sensações, ritmo que tanto se enquadrava no esquema do padrão parnasiano quanto nas nuances sensoriais ou sensitivas das nebulosidades simbolistas.

Ocorre que os críticos, ao dedicarem elogios a Gilka Machado, acabavam, no meu entender, simplesmente castrando ou retalhando a mulher. A crítica positiva eu lia como negativa. O que era para ser lido como elogio, mais parecia, na minha concepção, uma ofensa.

Dou um exemplo desse revisionismo de uma crítica moralista e preconceituosa do início de século. A crítica favorável, para reconhecer as qualidades da poesia da autora, distinguia duas mulheres: “a da realidade da poesia e a da realidade da vida”. Ou seja, para que a poesia tão ousada, para a época, pudesse ser aceita – ousada devido a uma forte carga de sensualidade e de denúncia de uma sociedade repressora –, era necessário que essa poesia fosse produzida por uma poeta que nada tinha a ver com a mulher casta que a escrevera. Eis o que afirmou o crítico Humberto de Campos, um dos “defensores” de Gilka Machado: “Poetisa de imaginação ardente, transpirando paixão carnal nos seus nervos, a sra. Gilka Machado é, contudo, segundo nos informa o Sr. Henrique Pongetti e proclamam os que lhe conhecem a intimidade, a mais virtuosa das mulheres e a mais abnegada das mães” (CAMPOS, 1945, p. 401).

A poesia de Gilka Machado teria de aguardar críticos da década de 1950 para uma leitura menos preconceituosa, como, por exemplo, a de Domingos Carvalho da Silva, em seu livro *Vozes femininas da poesia brasileira*: “O êxito de Gilka Machado (...) deve-se principalmente aos temas sensuais, não porque fossem novos, mas por terem sido enfrentados, pela primeira vez, não por um poeta, mas por uma poetisa” (SILVA, 1959, p. 25-6).

⁶ GOTLIB, Nádya Battella. “Com dona Gilka Machado, Eros pede a palavra”. *Polímica*. Revista de Crítica e Criação. nº 4, 1982, p. 23-47.

O que me chamava a atenção era o fato de como essa poesia acabava se afirmando no seu papel de precursora na luta pelos direitos de acesso à representação do prazer erótico na poesia feminina brasileira.

O fato de o grupo de trabalho surgir justamente após a elaboração desse artigo veio confirmar a legitimidade dessa minha proposta de leitura, que ganhava, assim, amparo de colegas, encaixando-se no que haveria de se consolidar como projeto de leitura coletivo, no âmbito mais geral de uma equipe homogênea de pesquisa.

Na sequência, enveredo por uma série de trabalhos enfocados no ponto de vista da mulher. A partir de Oswald de Andrade, por exemplo, recaí na personalidade de uma de suas esposas, a Tarsila do Amaral, que teria uma primeira versão, em forma de texto sucinto, publicado pela coleção Encanto Radical, da Brasiliense, em 1985; e outra, posterior, mais desenvolvida, de 1998, com o objetivo de mostrar a importância da “personalidade” de Tarsila do Amaral na criação e consolidação de alguns procedimentos modernistas, mostrados, sobretudo, como exercícios, de caráter mais escolar, diria eu, de como tais procedimentos aconteciam se examinados em função de uma via dupla, na leitura tanto da poesia como da pintura.

Do mesmo modo, a leitura de Almada Negreiros me levou até a pintura de sua esposa, Sarah Afonso.

A imensa bibliografia teórica examinada pelos nossos pares, ao longo dos encontros, gerou um repertório que haveria de servir de suporte para a volumosa massa crítica dos membros do grupo. A propósito, numa das nossas reuniões, esta em Recife, tive a coragem de relatar uma história que de certa forma resumia tais preocupações de ordem teórica, a das diferenças de gênero, em versão genuinamente rural. Apesar do enfoque essencialista, essa história acabou sendo batizada de “teoria da bezerra”, com direito à escultura colorida de artesanato nordestino, distribuída para as colegas ali presentes. Para as que não conhecem a história, a história segue, em nota de rodapé⁷.

Entre as mulheres, Clarice Lispector

Paralelamente aos estudos sobre mulheres da literatura brasileira, iniciei leituras de uma escritora de língua portuguesa que foi, aos poucos, absorvendo minha atenção: Clarice Lispector. Muitas vezes me

⁷ “Na Fazenda Indaiá (Luziânia, Goiás), dois vaqueiros conversavam. Olhavam alguns animais que se aproximavam, no pasto, ao longe. Um deles falou: “- É macho!”. E o outro revidou: “- Não, não é macho. É fêmea”. Este mesmo, logo em seguida, confirmou: “- É fêmea”. Perguntei sobre quem estavam conversando. Eles apontaram para uma vaca que caminhava com sua cria. E aí perguntei: “- Como sabem se é macho ou fêmea?”. Um deles respondeu: “- Se é macho, caminha em linha reta, com a mãe. Se é fêmea, vai trançando, ora de um lado da mãe, ora de outro”.

perguntam a razão da escolha. E a razão é uma só: a qualidade dessa literatura, tão perspicaz e sutil na criação de personagens que, de uma só vez, representam “situações” de modos de ser da mulher na sua relação com a sua própria intimidade e no mundo das inter-relações pessoais e sociais.

Talvez a razão maior seja a mesma que motivou Clarice a escrever. Afirmava Clarice que escrevia para tentar entender o que estava querendo dizer. Eu afirmo que leio Clarice para tentar entender o que a escritora está querendo dizer.

E essa intenção se insinua ainda mais pelo caráter instigante de sua literatura, que mais sugere que diz, e, ainda, como se nada estivesse querendo nos dizer. Há na sua linguagem tanto a marca da sedução – de atrair o leitor dissimulando suas intenções – quanto a marca da tentação – de atrair o leitor e levá-lo para territórios dantes nunca navegados, surpreendendo-o: quando o leitor tenta divisar por onde anda, já foi, ou já está no meio do caminho. Aí, então, “o mal estava feito”, conforme afirma a personagem Ana do conto “Amor”, de *Laços de família* (1960).

Um dia, talvez, eu pormenorize a minha história de leituras de Clarice, que é feita de várias investidas: algumas, abandonadas temporariamente para serem depois retomadas; outras, bem-sucedidas, no sentido de que foram desenvolvidas num fluxo só, e logo numa primeira vez. Mas todas têm volta. E essa é a medida da boa literatura: o leitor sente vontade de voltar ao texto, de reler o texto, redescobrimo novos detalhes, nuances, sugestões.

O fato é que passei a década de 1980 lendo e relendo Clarice. Foi quando comecei a ministrar cursos de pós-graduação especificamente sobre essa literatura, na USP, por volta de 1982. Concomitantemente às incursões pela literatura de Clarice, que ganharam forma através de cursos, orientações de dissertações e teses, artigos e ensaios, enveredei ainda para o que poderia chamar de “questão Clarice”; e o fiz por duas vias complementares: a da biografia e a da fotobiografia.

Da literatura à biografia

Depois da morte de Clarice Lispector (1977), os pesquisadores precisaram esperar algum tempo antes de terem acesso a seu espólio, que foi encaminhado pelos herdeiros, em diferentes lotes, para a Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. E teriam de esperar algum tempo, também, até que esse material fosse devidamente catalogado.

Enquanto as pastas não se organizavam nas estantes e a matéria não se organizava nas pastas, fomos consultando esse material que posteriormente haveria de somar 2.163 unidades, sem contar fotografias e negativos fotográficos.

Pudemos encontrar aí, eu e demais pesquisadores, uma série de documentos variados: recortes de jornais com críticas a seus livros, publicadas desde meados da década de 1940, quando lançou seu

primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943); cartas recebidas de amigos, parentes, críticos, jornalistas, escritores; documentos pessoais, como carteiras profissionais de jornalista e passaportes; e documentos escolares (históricos e boletins contendo notas e médias finais) de algumas das instituições onde estudou; cópias de páginas de processos judiciais, como os de naturalização e de separação conjugal; textos de terceiros, que lhe foram encaminhados.

Esse fundo documental, listado num *Inventário de Clarice Lispector* organizado por Eliane Vasconcellos (1993), foi classificado em 10 séries, compreendendo: correspondência pessoal; correspondência de terceiros; correspondência familiar; correspondência familiar de terceiros; produção intelectual do titular; produção intelectual de terceiros; documentos pessoais; diversos (incluindo, por exemplo, convites, cartões de visita etc.); documentos complementares (apenas 5, com data posterior à morte da escritora); recortes (em grande número). Tais documentos, que somam um total de 2163 unidades, dividem-se entre manuscritos e datiloscritos (num total de 697) e impressos (num total de 1466).

Se tais documentos preenchem certas lacunas quanto a dados de ordem biográfica, outros persistiam, no entanto, sem resposta. É o caso, por exemplo, do seu histórico escolar. Por mais que se fizessem as contas, ano a ano, de sua formação em diferentes escolas de Recife e do Rio de Janeiro, não havia como montar a sequência. A cronologia não batia. E, tudo isso, por um erro de base, que seria pouco a pouco elucidado, sobre a data de seu nascimento.

Há de se considerar que, até esses anos de 1980, tomava-se por base para informação biográfica uma entrevista concedida por Clarice a Renard Perez, que teve duas publicações em volume. Ali, Clarice declarava 1925 como sendo o ano de seu nascimento, informação que era repetida por outros textos básicos sobre a escritora. Só algum tempo depois é que a data de 1920 foi se firmando como a não só provável, mas comprovada por documentos. A data de 1920 aparecia em documentos da própria Fundação Casa de Rui Barbosa, em cópias de traduções de sua certidão original⁸. E há pouco tempo é que me deparei com a certidão de nascimento original de Clarice, lavrada em ucraniano, de posse dos herdeiros de Tania Kaufmann (irmã de Clarice), com a data de 1920 (GOTLIB, 2008, p. 37).

Além desse dado, outros aguardavam maiores detalhes. Como teria sido a viagem da família Lispector? Como vivia sua família, em Recife? Em quais escolas Clarice efetivamente estudou? Com quem convivia? Quando foram para o Rio de Janeiro? Onde Clarice trabalhou? Quais os primeiros textos que publicou? Em quais periódicos foram eles publicados?

⁸ Cf. GOTLIB, 1995, p. 20-1; p. 58-61. (Cf. última edição: GOTLIB, Nácia Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. 6. ed. rev. aum. São Paulo: Edusp, 2009, p. 28-39).

As primeiras respostas a tais indagações surgiram numa dissertação de mestrado elaborada por Aparecida Maria Nunes, no início da década de 1990, que fez uma apresentação biográfica de Clarice e incluiu cópias de documentos pesquisados junto ao Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa (NUNES⁹, 1991).

Mas havia questões pendentes que só uma pesquisa de campo conseguiria resolver. Foi o que tentei fazer, em viagens para Maceió, Recife e Rio de Janeiro – cidades onde a família Lispector morou, a partir de 1925, quando chegaram ao Brasil, vindos da Ucrânia. Em cada uma das cidades, procurei arquivos institucionais, a fim de pesquisar lugares históricos da década de 1920; procurei arquivos pessoais, no encalço de reunir dados referentes a tais lugares; e entrevistei pessoas que tiveram algum tipo de relacionamento com os Lispector, ou com parentes, ou com conhecidos.

Em relação a Clarice, visitei as escolas onde estudou. As casas onde morou. O bairro por onde circulou. Conheci alguns colegas seus de escola. E parentes. E amigos. E amigos de amigos.

Em Recife, conheci os então donos da livraria que ficava bem ao lado de um dos dois sobrados onde a família morou na rua da Imperatriz. Visitei o casarão onde morou, na Praça Maciel Pinheiro. E visitei Olinda, onde costumava tomar banho de mar. Fui ao cais, de onde via navios partirem. E circulei pelas ruas por onde a menina Clarice passava para ir à escola, ou para ir à sorveteria, no bairro da Boa Vista.

Astuciosamente, Clarice parecia preparar uma armadilha, a cada lance da pesquisa. Parecia despistar os traços, para turvar a visibilidade do eventual pesquisador na reconstituição de alguns dos seus passos. Assim foi com a pesquisa no Ginásio Pernambucano, por exemplo. E em muitos outros lances, que um dia contarei. Menciono apenas um deles, referente à pesquisa junto ao Ginásio Pernambucano.

Quando fui ao Ginásio, o prédio estava sendo reformado. Não acharam a pasta com os documentos que solicitei e pediram-me para voltar algum tempo depois. Assim fiz. Ao voltar, perguntei novamente pelos documentos. Foram até a sala do arquivo e não acharam a pasta. Disseram que os documentos não estavam mais lá. Onde estariam?

Por sorte, uma amiga, Luzilá Gonçalves Ferreira, tinha cópias de tais documentos. E assim tive acesso a alguns deles. Dentre eles, uma certidão emitida pelo então chamado Colégio Hebreu-Ídiche Brasileiro, que funcionava na rua Visconde de Goiana, nº 687, colégio que adotaria posteriormente o nome de Colégio Israelita Moisés Schwarts – este, jamais mencionado pela Clarice. Fui ao colégio e

⁹ Esse trabalho teve sequência: NUNES, Aparecida Maria. As “*Páginas Femininas*” de Clarice Lispector. São Paulo: FFLCH-USP, 1997. (Tese de Doutorado). Os dois estudos ganharam versão reduzida em: NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector “*Jornalista*”. *Páginas Femininas & Outras Páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

entrevistei dois de seus funcionários: Israel Averbuch e Anita Levy. Anita tinha sido colega de classe de Clarice e me contou passagens de interesse para o meu trabalho. Os dados que me foram fornecidos pelos dois informantes foram somados aos demais, assim se encaixando numa espécie de tabuleiro, cujas peças se ajustavam por complementação e acréscimo.

No Rio de Janeiro refiz o percurso de Clarice: casas onde morou, escolas onde estudou, lugares que frequentava. Procurei amigos e colegas, ou deles descendentes, que pudessem me fornecer informações. Procurei os parentes, que me abriram os baús com fotos, bilhetes, casos de família.

Das estadas no exterior, havia depoimentos de pessoas ligadas ao Itamaraty, que haviam conhecido Clarice. E não só diplomatas de carreira, mas simplesmente pessoas que com ela haviam se cruzado, em algum momento, num dos países onde viveu temporariamente: Itália, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos.

A reunião desse material aguardava publicação. Foi quando decidi fazer um concurso de livre-docência na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na área de Literatura Brasileira, de que era professora. Se optasse pela forma tradicional do concurso, poderia reunir ensaios, já prontos, sobre a escritora. Mas o que desejava e que se me apresentava como um desafio não era uma reunião de ensaios, nem era propriamente uma tese, nos moldes em que costumava ser construída no meio acadêmico. Era... o quê? Era um estudo de vida e obra de Clarice. Foi o que encaminhei. E essa questão – “era o quê?” – a banca tentou também elucidar, por ocasião da defesa de concurso, em dezembro de 1993.

Lembro-me que o Professor Benedito Nunes afirmava, em sua arguição, que o texto rejeitava classificações. Era uma crônica, mas também não era. Era uma biografia, mas não era uma biografia de acordo com a tradição do gênero biográfico. E assim por diante... Já Silviano Santiago mostrava como a pesquisadora agia como uma espécie de detetive, procurando resistir a Clarice, que parecia apagar as pistas do que havia sido. João Alexandre Barbosa identificava a ocorrência de um discurso crítico, mas exigia mais. E Maria Aparecida Santilli ressaltava a importância de um estudo dessa natureza, um tanto inusitado.

De fato, concordava com as críticas. E acatava esse jeito um tanto indefinido do próprio gênero que praticava, um pouco de tudo, sem obrigação de me ater a nenhum deles. Esse à vontade com que me movimentava entre o ler Clarice e o falar sobre a vida de Clarice, entre a grafia e a biografia de Clarice, não teria sido possível sem o exercício de liberdade que experimentei em diálogos com as mulheres do meu grupo de trabalho.

A experiência poderia talvez se reunir numa postura de trabalho, responsável pela proposta de trabalho, para mim, única: o jeito de ler vem do próprio objeto, em função de uma disponibilidade

aberta em relação a esse objeto, numa interação que, portanto, não toma por base qualquer modelo preconcebido.

Passados já quinze anos, revejo esse livro que, naquela altura, optou por ser “uma coisa” que era, ao mesmo tempo, várias, mas nenhuma, com exclusividade: história de vida, registro de depoimentos, análise de documentos pessoais, de atividades profissionais, análise de textos, ou seja, era o que aparecesse e tivesse relação com o objeto, sem o compromisso firmado de se manifestar como uma só “coisa”.

Era mesmo leitura. Sobretudo leitura. Porque o que registrava eram textos relacionados com o objeto-Clarice: cartas, casos, depoimentos, entrevistas, contos, crônicas, novelas, romances, ficções, impressões leves, bilhetes, cartas, anotações soltas...

Procurara reunir, no livro que se intitulou *Clarice, uma vida que se conta*, dados que dialogavam entre si: textos literários da escritora e outros textos seus; textos da escritora e de outros. A partir desse conjunto, em cotejo, procurava determinar certas constantes da artista-escritora Clarice Lispector, patentes tanto na construção da sua obra ficcional quanto na construção da sua vida pessoal, numa extensão do que Roland Barthes reconheceu, no campo da biografia, como “biografemas”: traços mais marcantes, mas não só no circuito de sua vida, mediante atitudes, gestos, reações – mas também no da construção das figurações da *escrita*, registrada nos textos literários e jornalísticos, ambos inseridos num mesmo conjunto de produção estética¹⁰.

Clarice Lispector surgia ali na confluência desses territórios de atuação, que por vezes se confundiam, em profunda experiência de ficcionalização, até manifestar-se explicitamente como personagem de si mesma, na última cena – e último subcapítulo do livro –, cena agônica, de morte: momento clímax e último de dramatização da sua própria *persona*¹¹.

A biblioteca de Clarice

Entre a biografia e a fotobiografia, abro parênteses para contar um caso referente à biblioteca de Clarice, que, creio eu, pode ter interesse para os estudiosos.

Justamente quando estava em trabalho de pesquisa no Rio de Janeiro, reunindo imagens para a Fotobiografia de Clarice e, paralelamente, recolhendo material para análise de alguns dos seus manus-

¹⁰ Afirma Roland Barthes: “gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de “biografemas”; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia” (BARTHES, 1984, p. 51).

¹¹ Refiro-me ao último subcapítulo do livro *Clarice, uma vida que se conta*, intitulado “últimas viagens”, em cena descrita segundo depoimento de Olga Borelli, que presenciou a agonia e morte da amiga Clarice Lispector, em 9 de dezembro de 1977.

critos e datiloscritos, tomei conhecimento de que parte da biblioteca encaminhada para a Fundação Casa de Rui Barbosa havia sido integrada ao acervo geral da biblioteca, sem separação física alguma. Ou seja: da biblioteca original ficava apenas um registro em ficha bibliográfica de tais livros, onde se lê “Coleção CL”.

Como se não bastasse tal separação, que, de certa forma, desmancha o caráter original da *biblioteca de autor*, recebi notícia de que esse acervo era apenas parte da original biblioteca de Clarice Lispector. Uma outra parte encontrava-se em Teresópolis (Rio de Janeiro).

Solicitei então licença para consultar o acervo de Teresópolis. Obtive o assentimento, que, no entanto, me chegou com um pedido. Como a casa que abrigava os livros seria vendida, os responsáveis pela biblioteca me perguntaram se poderia eu fazer a mudança da biblioteca, de Teresópolis para o Rio de Janeiro. Sobressaltada com a hipótese de tais livros se perderem ou mesmo, uma vez mais, dispersarem, aceitei essa incumbência. Hoje, rememorando esse fato, ciente dos perigos e riscos dessa tarefa, não sei se aceitaria... Mas naquela oportunidade aceitei prontamente, pensando que tais livros seriam encaminhados para a FCRB, compondo, assim, o acervo até então partido em dois.

Todavia, seria outro o destino dos livros. Os livros deveriam ser remetidos para o Instituto Cultural Moreira Salles (IMS), no Rio de Janeiro, que já examinava a possibilidade inclusive de abrigar uma outra parte do acervo fotográfico de Clarice Lispector, que teve também um primeiro lote encaminhado para a FCRB, junto com os documentos doados anteriormente.

Solicitei ao IMS um veículo e ajuda de dois homens, comprei sacos de plástico e corda, pedi à pesquisadora Aparecida Maria Nunes, especialista em Clarice Lispector, que me acompanhasse e, durante dois dias, fizemos uma primeira triagem e separamos os livros por assunto (literatura brasileira, estrangeira, com dedicatória, sem dedicatória, revistas, livros infectados); embalamos precariamente os livros e levamos esse material para uma sala do Instituto Cultural do IMS, na Gávea.

Nessa oportunidade, ainda que de modo apressado, pude constatar a importância dessa biblioteca. Contrariamente ao que algumas pessoas disseram, tratava-se, sim, do que se poderia considerar uma *biblioteca de autor*. Ali havia livros que Clarice Lispector menciona em seus textos, tanto nos ficcionais quanto nos autobiográficos. Havia ali livros a que ela se referia ora em crônicas, ora em cartas. Entre as revistas, havia as que tratavam de assuntos femininos, com detalhes que a escritora reaproveitava nas páginas femininas que escreveu para jornais nos anos 1950 e 60.

Sabe-se que “o livro” é um dos temas preferidos de Clarice Lispector. Tanto na ficção quanto nos textos assumidamente autobiográficos, em que a própria Clarice Lispector assina como autora (embora não se possa ter a ilusão de que não esteja por vezes assumindo aí também uma autoria de teor

ficcional), o livro como objeto físico cultivado, cobiçado, invejado, roubado, enfim, amado com paixão e desvelo, é assunto constante.

O livro como instância cultural de “descoberta do mundo” também reaparece a partir de um amplo e qualificado repertório de leituras: o leque de autores, títulos, personagens, situações, espaços e repercussões no leitor, citado mais e menos indiretamente nos seus textos, delineia um percurso de leitora sensível, um tanto indisciplinada, e perseverante na prática da leitura. E há o campo das referências implícitas intertextuais, o texto como releitura, a exigir ainda uma análise cuidada mediante a determinação dos estímulos ou motivos que foram se constituindo como novos corpos organizacionais da escrita em forma de criação literária, em múltiplas configurações narrativas de gênero.

Essa linha de abordagem já conta com resultados sólidos. É o caso do livro de Ricardo Iannace, *A leitora Clarice Lispector*, publicação de sua dissertação de Mestrado, que orientei no período de 1994 a 1998, defendida na USP. Nesse estudo, o autor lista menções a livros feitas ao longo da ficção de Clarice Lispector e analisa alguns casos de relação intertextual, tomando por base as alusões e referências encontradas ao longo da produção ficcional da escritora.

A perspectiva de abordagem que aqui ressalto é um tanto diferente. Reconheço a importância de se reconstituir também um acervo físico, que foi dividido e que tende a se diluir em meio a outros tantos livros de diferentes autores. O objetivo principal é o de, mediante a listagem geral dos livros que pertenciam a Clarice Lispector, (re)delimitar um patrimônio cultural de leituras “possíveis” – leitura de livros que ou foram por ela própria adquiridos (em alguns há registro de local e data da aquisição) ou lhe foram oferecidos por diversos autores, parentes e amigos.

Sob esse aspecto, tais doações dedicadas e, por vezes, acompanhadas de bilhetes e breves cartas escritas nas páginas do próprio livro dedicado podem comprovar um rol de relações sociais que colaboram para se definir um contexto intelectual de diálogo com demais escritores, jornalistas, críticos, diplomatas amigos e parentes. Já o repertório de anotações feitas nas margens dos livros, quando devidamente transcritas e comentadas, pode levar a associações úteis com a própria produção ficcional e jornalística da escritora, com o intuito de melhor compreender suas opções formais na construção de personagens e de situações.

Há ainda a hipótese de se encontrar, ao longo da produção autobiográfica da escritora (testemunhos, depoimentos, entrevistas, cartas, crônicas), alusões e citações referentes a livros e textos que faziam parte de sua coleção bibliográfica. Sob tal vertente, essa reconstituição de uma biblioteca de autor acaba sendo uma complementação da que desenvolveu Ricardo Iannace, que se detém especificamente nos textos publicados em livros e que não inclui no seu repertório textos de caráter autobiográfico, como cartas, depoimentos, entrevistas. Nem foi sua intenção relacionar tais

alusões e citações desse *conjunto de livros*, aliás, conjunto até o momento ignorado por parte dos interessados.

Por fim, há a necessidade de se preservar visualmente as imagens de tais exemplares, sobretudo os raros, de primeira edição. A digitalização de capas, dedicatórias e anotações marginais colabora, creio eu, para uma preservação material de tais livros, garantindo sua divulgação entre um público leitor.

Mas a biblioteca de Clarice, com vistas a incluir o maior número possível de títulos, aguarda ainda um outro estágio complementar: listar os autores e títulos mencionados por Clarice Lispector ao longo de sua obra autobiográfica que, contudo, não figuram em nenhum dos dois acervos consultados. Esta listagem poderia motivar a aquisição dos títulos, de modo a completar o acervo dessa *biblioteca original*, a fim de colocá-la à disposição dos leitores interessados.

Da biografia à fotobiografia

Ao longo desses anos, fui também reunindo material fotobiográfico de Clarice Lispector para uma edição da sua *Fotobiografia*. Depois de pesquisar em arquivos nacionais e internacionais, privilegiando os lugares onde morou ou por onde passou, e de percorrer acervos de jornais, museus, coleções particulares de amigos e parentes, de críticos, jornalistas, diplomatas, artistas e intelectuais, selecionei cerca de oitocentas imagens que integram volume abrigado pela Editora da Universidade de São Paulo, a Edusp, e executado pelas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Para a Fundação Casa de Rui Barbosa foram encaminhadas também, pelo herdeiro, fotografias. Estão ali guardadas aproximadamente setecentas imagens (fotos), compreendendo imagens da família, de amigos, de lugares, de eventos, distribuídas em seis pastas: três delas, com fotos já classificadas, num total de quatrocentos e trinta; uma, com fotos não classificadas (aproximadamente cem); outra, com negativos; e outra, com pinturas e desenhos do rosto de Clarice Lispector.

A matéria depositada na Fundação Casa de Rui Barbosa constitui o fundo básico da pesquisa iconográfica. Há de se acrescentar que, ao repertório de dados visuais ali contidos, juntaram-se os que eu havia anteriormente reunido, desde início dos anos 1980: uma soma considerável de reprodução de imagens que haviam sido publicadas na imprensa escrita – jornais, revistas, periódicos acadêmicos, catálogos, e, em menor número, livros de crítica. Parte pequena desse material iconográfico, cerca de quarenta e sete imagens, foi reunida e divulgada num caderno de fotos e documentos inserido no volume *Clarice, uma vida que se conta* (1995).

A partir de 2002, o projeto de se publicar a *Fotobiografia de Clarice Lispector* se consolidava como uma espécie de extensão do livro anteriormente publicado, *Clarice, uma vida que se conta*.

Considerando-se, pois, tanto os dados ficcionais quanto os dados biográficos, expostos no referido livro, comecei a reorganizar o material iconográfico já coligido tanto na Fundação Casa de Rui Barbosa quanto noutras instituições e centros de pesquisa, tendo em vista o novo projeto de elaboração da *Fotobiografia*.

Em 2003 tive acesso ao acervo particular do próprio Paulo Gurgel Valente, que incluía fotos e documentos já existentes na Fundação Casa de Rui Barbosa e outras lá inexistentes. Fiz uma seleção de quase duzentas imagens, aumentando, assim, o repertório disponível. Algumas dessas fotos selecionei para integrar a “Memória Seletiva”, que figura como primeira parte da série *Cadernos de Literatura Brasileira* publicado pelo Instituto Moreira Salles, em dezembro de 2004, em número especial sobre Clarice Lispector.

Esse conjunto de fotos acabaria sendo depositado no Instituto Moreira Salles. Assim sendo, a coleção de fotografias do acervo pessoal de Clarice Lispector foi também, tal como a biblioteca, dividida em duas partes: uma delas encontra-se depositada na Fundação Casa de Rui Barbosa; e outra parte, no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro.

Além desses dois acervos institucionais, há fotos de Clarice, em menor número, espalhadas em outros arquivos, sobretudo arquivos da imprensa escrita, de grandes jornais e em agências de imagens. E em coleções particulares.

Essa tarefa de acesso às coleções particulares não me parece a mais difícil, e sim a mais trabalhosa. Mesmo quando há louvável boa vontade por parte de pessoas que se propõem a colaborar, o caminho é longo e exige persistência, desde as primeiras pistas referentes à existência de imagens, até as conversas com os proprietários das fotos, o registro dos respectivos depoimentos sobre os documentos e, finalmente, num último estágio, a aquisição dos direitos para a publicação das fotos selecionadas e disponíveis.

Quando o “baú da família” se abre e a memória familiar eclode, nem que seja para lamentar a falta de informações a fornecer ao pesquisador, há detalhes de comportamento que se manifestam de modo por vezes sutil e que, se não considerados, podem emperrar a máquina que toca os trabalhos. Creio que haja uma razão para isso: família é mesmo complicada, também quando se pesquisa...

Considere-se que trazer à luz imagens por vezes adormecidas na memória provoca reações por vezes inusitadas: lembranças boas, que merecem ser revividas; ou emoções fortes, nem sempre agradáveis. Entra em ação, nesses momentos, paralelamente às imagens em sépia ou em branco e preto envelhecido, a memória de novos agentes que determinam leituras do objeto em questão. Parentes e amigos recuperam fatos, pessoas, situações, bem como – e isso é mais comum do que eu antes supunha – mesclam suas próprias e variadas vivências às que os próprios registros fotográficos sugerem ao

seu espectador/leitor. Nem poderia ser diferente. A insurgência de novos pontos de vista se soma aos demais e leva o objeto a ser reconsiderado na sua ampla multiplicidade.

Não resta dúvida de que isso embaralha às vezes as cartas. É quando os dados fornecidos pelo depoente, que detém as imagens em seu acervo ou as informações em sua memória, ultrapassam os limites da informação particular, misturando-se às demais fontes de informação. No caso de Clarice Lispector, os dados podem aparecer misturados inclusive com a leitura dos próprios textos da autora Clarice. Mais uma modalidade em que ficção e depoimento documental se irmanam numa mesma fonte.

Além dos baús familiares, ou de amigos, a montagem dessa *narrativa de vida* supõe a recolha de imagens dos lugares por onde passou Clarice. E como a escritora nasceu já viajando e morou em vários países, o número de imagens consultadas para uma seleção aumenta consideravelmente, exigindo inevitável seleção e incorrendo em inevitável falta. Impossível dar cobertura iconográfica a todos eles, inclusive por impossibilidade de espaço gráfico para abrigá-los num só livro.

Para atender a esse tópico, recorri a arquivos e museus dos vários países onde viveu Clarice: ora comparando a tais centros de documentação pessoalmente, ora me valendo de colaboradores, ora através de correspondência. Assim consultei centros de documentação de Vinnitsia, Odessa, Kiev (Ucrânia), de Nápoles (Itália), de Berna e Lausanne (Suíça), de Londres e Torquay (Inglaterra), de Paris (França).

Além desses, os do Brasil: de Maceió (Alagoas), Belém (Pará), Natal (RN), Recife (Pernambuco), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Brasília (DF).

Necessário seria ainda vencer o item referente ao registro das relações de Clarice com pessoas por quem nutria laços de amizade ou de companheirismo profissional, em que sobressai sobretudo o laço afetivo com amigos e parentes, em que, por vezes, o registro através de fotos acaba se complementando com a troca de correspondência.

Com seus colegas de trabalho jornalístico, logo no início dos anos 1940, os laços de caráter profissional consolidam-se em pouco tempo de convivência. Assim foi com Lúcio Cardoso, por quem nutriu paixão com final infeliz, de certa forma transfigurada em amizade sólida e duradoura. Assim foi com Francisco de Assis Barbosa e Antonio Callado, e com os escritores e cronistas Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Não faltou a presença de laços mais propriamente amorosos, com Lúcio Cardoso, num primeiro momento, com o marido Maury Gurgel Valente, num segundo momento, com Paulo Mendes Campos, num terceiro momento.

O leque do repertório iconográfico se abre ainda mais quando se consideram fotos de lançamentos de livros, dela e de outros, ou mesmo simples fatos do cotidiano que, contudo, revelam algum traço especial de postura e comportamento. Afinal, também tem relação com o ambiente da vida literária do Rio de Janeiro uma simples festa de casamento, quando Clarice foi madrinha dos noivos – a poeta

e amiga Marly de Oliveira e o embaixador Lauro Moreira –junto com o padrinho: o escritor Manuel Bandeira...

Finalmente, como último tópico, menciono as centenas de fotos não selecionadas mas vistas, analisadas, num vasto repertório que nos chega hoje pela internet, através dos arquivos disponíveis *on-line*. Dou um exemplo: dezoito mil fotos de emigrantes judeus na YIVO – Institute for Jewish Research –, com sede em Nova Iorque, aonde, aliás, fui pessoalmente, mas que já conhecia por meio da exposição, entre outras, da coleção “A thousand towns”, ou mil cidades, documentando a vida de judeus no Leste Europeu.

Ao examinar tais imagens, pode-se observar que algumas complementam os sentidos já apreendidos pela crítica. Reforçam o que já se sabia sobre Clarice. Outras, acrescentam dados novos, ampliando o leque das possíveis considerações de ordem crítica.

Detenho-me, para efeito de argumentação, em algumas imagens que selecionei para o livro. Numa delas Clarice aparece numa casa de Recife, com o primo Anatólio. O olhar é firme, por baixo da franja. Numa outra foto, provavelmente da mesma sequência, aparece a tia Dora Wainstok, com seus dois filhos: um deles, esse mesmo menino, Anatólio, à esquerda; e, à direita, sua outra filha, Cecília. A foto exhibe sutilmente laços familiares: numa delas, Clarice envolve com os braços o primo Anatólio; na outra foto, a tia Dora está entre os dois filhos. Todos eles, tia, dois filhos e sobrinha Clarice, num mesmo cenário pobre de Recife, mas ali juntos. E num momento de tristeza de Clarice, que havia perdido recentemente a mãe. Tia Dora, grande amiga da prima Marieta, mãe de Clarice, parece preencher, de certa forma, o vazio deixado com a morte da mãe de Clarice. As duas fotos complementam-se e fornecem um dado novo ao que já se sabia: a acolhida terna da tia em momento crítico da vida da criança Clarice.

Outras tantas fotos complementam apenas o que já se sabia a respeito dos laços familiares, mas sempre acrescentando dados novos. Sabia-se, de antemão, que Clarice tinha primos que moravam em Recife, tanto da linha dos Lispector (pelo lado paterno) quanto da linha dos Rabin (pelo lado materno). Mas a imagem dos dezoito primos numa só foto, do lado dos Rabin, bem vestidos, em pose estudada, revela também uma posição social de certo requinte, que não existe na foto dos primos Lispector.

Cada imagem, nova visão de Clarice que surge, mediante novas associações... Estímulo para uma nova leitura da biografia, a partir dos dados que a própria matéria iconográfica anuncia e sugere.

Hoje, sênior

Continuo preparando a edição dos *Diários* da Condessa de Barral, numa fase que considero conclusiva. Finalmente...

Continuo no trabalho de resgate de escritoras brasileiras, agora preparando a edição de texto inédito de Elisa Lispector, intitulado *Retratos antigos*.

Continuo escrevendo sobre Clarice, preparando agora um livro sobre a pesquisa que redundou no *Clarice Fotobiografia*, uma espécie de *making of*, com alguns capítulos já publicados em periódicos vários.

E continuo lendo e analisando textos de Clarice Lispector e de outras escritoras.

Para isso, continuo, evidentemente, lendo e ouvindo o que minhas colegas mulheres dizem e escrevem.

Referências bibliográficas

BAL, Mieke. *Femmes imaginaires: l'ancien testament au risque d'une narratologie critique*. Utrecht: HES Publishers; Paris: A. G. Nizet, 1986.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Clarice Lispector. Ed. especial, nº 17-18. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

CAMPOS, Humberto de. *Crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W.M. Jackson, 1945.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. 6 ed. rev. aum. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Edusp/IMESP, 2008.

_____. *Correspondências: a Condessa de Barral e o Imperador D. Pedro II*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 227-39.

_____. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. “A divorciada: um romance de dona Francisca Clotilde”. In: GAZOLLA, Ana Lúcia de A. (org.). *Anais do I Encontro do GT A mulher na literatura*. v. I. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Vitae, 1988.

_____. “Com dona Gilka Machado, Eros pede a palavra”. *Polímica*. Revista de Crítica e Criação, nº 4, 1982, p. 23-47.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento (orgs.). *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

IANNACE, Ricardo. *A leitora Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2001.

LEMAIRE, Ria. “A canção da malmaridada”. In: GOTLIB, Nádía Battella (org.). *Anais do II Encontro do GT A mulher na literatura*, v. II. Belo Horizonte: UFMG, São Paulo: Fundação Vitae, 1990. p. 13-26.

_____. “As cantigas que a gente canta, os amores que a gente quer: o papel da mulher na passagem da tradição oral à escrita”. In: GOTLIB, Nádía Battella (org.). *Anais do III Encontro do GT A mulher na literatura*, v. III. Belo Horizonte: UFMG, São Paulo: Fundação Vitae, 1990. p. 13-33.

_____. “A organização dos estudos da mulher na Holanda” (Resumo.) *Boletim do GT A mulher na literatura*, ano 1, nº 1, ago. 1988. Belo Horizonte: ANPOLL/UFMG. p. 35.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector “Jornalista”: Páginas femininas & Outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

_____. *As “Páginas femininas” de Clarice Lispector*. Tese (Doutorado) – **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas** da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 1997.

_____. *Clarice Lispector “Jornalista”*. Dissertação (Mestrado) – **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas** da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 1991.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.

VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Inventário do arquivo Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Centro de Memória e Difusão Cultural/Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, 1993. [Col. Inventário do Arquivo, 5].

Recebido em 18 de fevereiro de 2011

Aprovado em 26 de abril de 2011

